



SOBRE A ORIGEM DA FAMÍLIA E DA SOCIEDADE

Rodolfo Ferreira dos Santos¹

RESUMO: O ser humano é um animal político e, como tal, a fim de sobreviver, organiza-se em grupos. O grupo social mais básico é a família. Este artigo dividido em três pontos discorrerá sobre como se dá, no primeiro ponto, a origem e a função da família, no segundo a origem e a função da sociedade e, no terceiro as mudanças que aconteceram nestas instituições no decorrer da história.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Sociedade; Antropologia; Política; Funcionalismo.

Na história da filosofia muitas foram as definições dadas sobre o que é o homem, definições que não são únicas ou absolutas, mas que exaltam uma ou outra característica do homem, conforme a teoria que o propõe. Uma das grandes máximas, escritas já por Aristóteles e que parece não ter contradições é a do homem como animal político, isto é, da realidade interpessoal do ser humano ser necessária à natureza e vida humana.

O mais próximo que se pode chegar de uma oposição ao homem como animal político, são as teorias que descrevem-no, principalmente, como um ser egoísta e individualista, como em Hobbes, ou corrompido pela sociedade no que tem de bom, como em Rousseau. No entanto, mesmo nessas teorias encontra-se a necessidade, ainda que imposta, da organização social entre os homens. Sendo de forma natural, ou por uma exigência de restrição aos impulsos naturais humanos, a organização social do homem é inevitável.

Mesmo ao afastar os olhos do campo teórico e voltá-los para a esfera prática, a natureza política do homem está muito presente. Atualmente, no século XXI, em todo o globo se observa o homem vivendo em sociedades e não isolado. A experiência da pandemia vivenciada a partir de 2020 deixou ainda mais vivaz nas consciências a necessidade do contato social entre as pessoas e, ao considerar fenômenos de pessoas que acabam se

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: quim.rodolfo@gmail.com

isolando do contato social, como os *hikikomori*², no Japão, percebe-se que se trata de psicopatologia e, assim, não pode ser considerada oposição à natureza política do homem, mas sim exceção causada por males pontuais na vida de certos indivíduos.

Portanto, ainda que se possa fazer concessões em alguns pontos, a característica do homem como animal político e a necessidade de uma vida em sociedade para o ser humano é algo coerente e forte demais para não se ter como verdade.

Aceitando, finalmente, a certeza da natureza política do homem, voltaremos os nossos olhos para a questão da família. Diversas são as visões sobre as famílias e as sociedades presentes desde a antiguidade até os dias atuais. Ao nos propormos investigar sobre a principais e sobre os elementos importantes da família para as pessoas e para a sociedade como um todo, não seremos capazes de exaurir todas as perspectivas, mas mesmo dentro dessas limitações talvez possamos ter algumas intuições das realidades presentes na vida cotidiana.

Elemento interessante na filosofia é a aparente ausência de preocupação com a questão da família, pois, embora existam diversos filósofos que se debruçam sobre a forma de como o homem incide na sociedade e como a sociedade incide sobre ele, a pesquisa pelo verbete família nos dicionários de filosofia não retorna resultado, ou se retorna, não é no referente à estrutura que buscamos discutir.

Esta ausência de preocupação chama muito a atenção, pois ela não é dispensada como trivial nas outras áreas do conhecimento. A psicologia, a pedagogia, a antropologia, dentre outras, não dá pouca importância para a família, mas pelo contrário, coloca como elemento de grande importância na formação de quem a pessoa virá a ser. Não quer dizer que este conceito de família nunca seja encontrado na filosofia, na verdade, uma das fontes muito utilizadas no nosso trabalho é *A Política*, de Aristóteles, porém, ao observar a sua obra, apenas o primeiro livro fala sobre a família, e todo o resto da obra trata de outros elementos da sociedade.

Este aparente pouco interesse pelo assunto é por si provocativo, pois, para nós, a família é o primeiro ambiente de educação da pessoa, tendo assim, grande importância na

² Segundo Castro e Torres, o *hikikomori* “foi descrito inicialmente no Japão, sendo considerado uma síndrome ligada à cultura nipônica. Porém, nos últimos anos foi descrito em diversos países, inclusive no ocidente. Afeta principalmente adolescentes e adultos jovens do sexo masculino, os quais vivem espontaneamente reclusos em seus quartos por pelo menos seis meses. São pessoas solitárias, tímidas, com um suporte social deficiente e que, frequentemente, tiveram alguma experiência traumática na infância. A maioria dos indivíduos apresenta algum transtorno psiquiátrico associado. O fenômeno acarreta terríveis prejuízos para o indivíduo, familiares e para a sociedade como um todo.”. DOMINGUES-CASTRO, M. S.; TORRES, A. R. Hikikomori: revisão sobre um grave fenômeno de isolamento social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 68, n. 4, p. 264-272, 2018.

questão da formação humana, e é um dos grupos sociais mais básicos, se não o mais básico, quando falamos sobre a formação da sociedade.

Para começarmos a discussão deste termo, talvez convenha primeiramente refletirmos sobre as origens das famílias e das sociedades. É certo que não poderemos apresentar essas origens de maneira categórica e definitiva, pois os elementos de organização familiar e social, como discutiremos adiante, são demasiado antigas. Na verdade, quando chamamos de pré-história o período anterior à língua escrita, não tendo assim registros mais aprofundados sobre como eram as realidades vividas na época, já podemos reconhecer, de antemão, que existiam organizações sociais de alguma maneira. Portanto, nossas intuições terão de ser até certo ponto especulativas.

Mesmo reconhecendo que não temos registros de épocas mais remotas, isto não significa que nossas intuições sejam totalmente desprezíveis, pois o ser humano atualmente, do ponto de vista biológico, provavelmente, tem as mesmas características e necessidades do que vivia então. Assim, embora não possamos falar com certeza de eventos que aconteceram, podemos intuir necessidades e coisas que provavelmente ocorreram.

É por isso que adotaremos, para tratar da origem das famílias e das sociedades, a perspectiva funcionalista, isto é, de que a família surge para atingir algumas funções e a sociedade também.

Neste artigo então discutiremos sobre a origem das famílias, inicialmente, seus fins e como ela pode ter se adaptado diante das dificuldades que pode ter encontrado, posteriormente, sobre o surgimento da sociedade, pois consideramos que a família é anterior a sociedade, e então, por último, discutiremos algumas mudanças que se deram nas famílias e nas sociedades e os efeitos causados por tais mudanças.

1. O surgimento da família

Considerando a realidade política do homem e as questões apresentadas no referente às famílias, um início talvez seria buscar estabelecer uma relação entre estas duas coisas. Alguns podem querer trabalhá-las, isto é, a natureza política e a família, de formas isoladas, mas geralmente a realidade mais provável é a mais simples e, neste caso, o mais simples é de que a natureza política do homem e a organização das famílias seja, ou decorrentes uma da outra, ou possuindo uma raiz comum. Por isso, o nosso primeiro

objetivo é reconhecer a formação das famílias como algo, de alguma forma, ligado à natureza política do homem e discutir sobre tal formação.

O primeiro caminho que podemos seguir para discutir sobre a família é justamente a sua origem, quando foi que surgiu, se é algo exclusivo a um local ou tempo e, caso haja exceções, como se dão.

Ao olhar para os povos, começando pelos mais próximos de nossa realidade, encontramos a presença de famílias desde um tempo muito longínquo. Os povos americanos atuais, que foram colonizados pelos povos europeus, embora tenham algum desenvolvimento independente na sua organização social e política, tem ainda uma grande parcela de sua sociedade herdada dos colonizadores.

Assim, estes povos que, no contexto histórico são novos, têm desde suas origens a presença da organização em família, mas neles, a origem da família não pode ser traçada apenas a partir da origem dessas nações, mas é uma origem mais antiga, remontando aos povos que os colonizaram. Tanto isto é presente que nos povos americanos atuais se veem familiares descendentes de famílias pertencentes aos países colonizadores.

Ao buscar a origem das famílias nos povos europeus voltamos os olhos para os povos civilizados mais antigos, isto é, olhamos para Grécia, Roma e Mesopotâmia, pois Grécia e Roma, como bases da sociedade ocidental por meio da filosofia, do direito e da política, são a referência por meio das quais as sociedades ocidentais se organizaram, e a Mesopotâmia é donde estes povos herdaram a escrita e, são os escritos mais antigos que darão sinal de como se organizava a sociedade humana em seus primórdios.

Já no que se refere à Roma, o mito da *Eneida*, escrito por Virgílio, narra a história do herói Eneias, de origem troiana que, no canto VI, vê seus descendentes que “serão os protagonistas da história de Roma”³. O mito inicia apresentando as raízes do herói, que é troiano, bem como suas relações familiares: Vênus, mãe de Eneias e Ascânio, filho de Eneias. Assim, mesmo sem olhar mais a fundo o mito, temos de início a importância dada para as relações familiares, pois aos heróis é dado o parentesco com a divindade.

Também na Grécia antiga encontramos a existência das famílias, como se vê nos mitos, pois tão grande é a importância dada à organização familiar que as próprias divindades apresentam relações familiares. Um exemplo das relações familiares entre os deuses vemos no mito do nascimento de Zeus, presente na Teogonia:

³ CITRONI, M. *et al. Leitura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 476.

Réia submetida a Crono pariu brilhantes filhos: Héstitia, Deméter e Hera de áureas sandálias, o forte Hades que sob o chão habita um palácio com impiedoso coração, o troante Treme-terra e o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens, sob cujo trovão até a ampla terra se abala⁴.

Ou seja, de uma relação entre titãs, Crono e Réia, nascem os deuses, que são parentes entre si. Dentre estes deuses encontra-se Zeus, que recebe o nome de pai dos deuses e dos homens. Assim, observamos que as relações familiares como conhecemos já estavam presentes nos mitos, o que indica a presença dessas relações na sociedade. Não só isso, mas muitos dos heróis gregos serão chamados de semideuses, isto é, filhos de humanos com deuses, o que lhes permitirá alcançar tamanhos feitos heroicos.

Na Grécia, porém, além do mito, podemos trazer para a discussão o tema da Filosofia, na qual Aristóteles discutirá sobre a família, a sociedade e a natureza política do homem no primeiro livro da *Política*.

O que Aristóteles apresenta na *Política*, e que também serve de retrato de como funcionava a sociedade na época, embora não se limite exclusivamente a este tempo, é que primeiro surge a família da união do homem com a mulher e do senhor com o escravo, e que esta união se dá de maneira natural⁵.

No que se refere à Mesopotâmia, temos uma boa fonte no livro do Gênesis, em que Abraão, o patriarca dos judeus, antes de sair de sua Terra por seu chamado por Deus, morava lá⁶. A história de Abraão é relevante para o nosso trabalho, não só devido à sua origem na Mesopotâmia, mas justamente por quem ele viria a ser.

Abraão acabará se tornando, com o nascimento de seus filhos Ismael⁷ e Isaac⁸, e com o posterior surgimento do cristianismo a partir do judaísmo, o patriarca das maiores religiões do planeta e, disso resulta que, o que se tem a partir de Abraão seja de alto valor cultural nas sociedades em que estas religiões são a maioria. Uma vez que este trabalho terá como foco principal a sociedade ocidental, sua maior influência é o cristianismo e, assim, a relevância de Abraão é muito significativa.

Para observarmos a estrutura familiar existente na Mesopotâmia, talvez seja melhor olharmos para quando Abraão ainda era chamado Abrão, no texto mais longínquo

⁴ HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 123.

⁵ ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal), Capítulo 1, n. 4-6.

⁶ Gn 24, 3-4;10. Todas as citações bíblicas foram retiradas de: BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2020.

⁷ Gn 16,15.

⁸ Gn 21, 2-3.

possível, pois assim não corremos o risco de discorrermos sobre um fenômeno que tenha ocorrido após sua saída da Mesopotâmia, mas sim sobre algo do tempo em que lá estava.

Este momento é a chamada vocação de Abraão, quando Deus o chama para sair de sua terra. O livro do Gênesis diz: “Abraão tomou sua mulher Sarai, seu sobrinho Ló, todos os bens que tinha reunido e o pessoal que tinha adquirido em Harã”⁹. Deste modo observamos que não só as relações familiares diretas, como marido e mulher, já existiam, mas também relações familiares um pouco mais distantes, com tios e sobrinhos.

Assim, no que se refere aos povos que deram origem às civilizações ocidentais, podemos reconhecer que de maneira geral, desde suas origens, já havia presença da estrutura familiar. Dizer, porém, da universalidade das famílias ou de que a existência da família é relacionada à natureza humana somente com base nestes povos não é ainda possível, pois todos eles estão ligados e fazem parte de uma história comum. Este aspecto universal se torna mais candente ao observar que os povos orientais como China, Japão e Índia também se organizavam em estruturas familiares que refletiam na sociedade, como castas, dinastias, reinos, etc.

Se continuarmos buscando uma prova da universalidade da estrutura familiar por meio da observação dos povos, o que resta, são os povos mais primitivos nativos da América ou da Oceania, uma vez que já se demonstrou a existência dela nos povos mais desenvolvidos.

Dessa forma, ao observarmos as organizações dos povos nativos, em grande parte, percebe-se a organização em clãs - que são grandes famílias, e em alguns casos até mesmo sociedades que se organizam através destas famílias, como famílias nobres, etc.

Assim, ainda que possamos conceder que possa existir algum caso em que um grupo social não seja constituído majoritariamente por famílias, a grande maioria dos casos, ainda que não tenham tido contato entre si, é organizado desta forma e, nos casos em que as famílias não sejam uma instituição conforme os modelos aos quais estamos familiarizados, deve existir alguma relação conjugal ou parental a partir da qual se possa intuir uma relação familiar. Podemos concluir então que, ou a instituição familiar é de alguma forma ligada à natureza política do homem, ou no caso da instituição familiar ter sido disseminada, que isso aconteceu nos períodos pré-históricos da humanidade quando o homem espalhou-se pelo planeta.

⁹ Gn 12, 5.

Tendo a família como um elemento evidente na vida humana, ainda podemos questionar como, porque ou com qual fim surgem as famílias. Em um primeiro momento convém perceber que a organização familiar não é exclusiva dos seres humanos, e ainda que não com o sentido dado pelos homens, outras espécies de animais também têm parceiros únicos durante sua vida¹⁰, e também apresentam comportamentos que visam a sobrevivência da prole. Portanto, se a organização familiar, envolvendo monogamia e cuidado com a prole, se manifesta também em animais menos desenvolvidos racionalmente que o ser humano, não se trata unicamente de algo moral, mas de um comportamento voltado à sobrevivência da espécie.

A primeira função na organização familiar, como já era dito desde a antiguidade por Aristóteles¹¹, é justamente a reprodução. A união entre o homem e a mulher, tal qual entre o macho e a fêmea de uma outra espécie, é um instinto natural que visa a reprodução e, então, esta primeira união seria o primeiro ponto de formação familiar. Porém, somente a reprodução não justifica a contínua união do mesmo casal. Assim, mesmo que se observe a monogamia na natureza, como já apresentado e mesmo que possamos reconhecer algum elemento na contínua união entre um macho e uma fêmea da mesma espécie venha a ser benéfico para a sobrevivência, ainda cabe tentar entender como isso se dá entre os humanos.

Se justificamos que a união familiar pode ter uma raiz natural por meio das outras espécies, a justificativa da instituição familiar sólida entre os seres humanos talvez possa também ser encontrada nas outras espécies. Um caráter evidente do nascimento humano é a dependência do recém-nascido dos pais, dependência muito maior do que a de outros animais. Enquanto alguns desses animais, poucos minutos depois de nascerem já são capazes de andar e realizar as ações básicas para o seu desenvolvimento, um ser humano levará meses até que possa caminhar e ainda mais tempo para realizar as ações mais complexas. Quanto maior a complexidade do que a prole tiver de aprender, maior será a necessidade de um grupo como a família para dar sustento à ela durante o seu desenvolvimento.

¹⁰ BLOG PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL. *Conheça 8 animais que são fiéis aos seus parceiros*. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/mais-recente/blogs/8-animais-que-sao-fieis-aos-seus-parceiros/>. Acesso em: 20 jun. 22. Os animais são: arara vermelha, castor-europeu, pinguim-imperador, cisne, gibão, lobo, coruja e águia-careca.

¹¹ ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal), Capítulo 1, n. 4.

No que se refere à aprendizagem da prole, em animais que vivem em grupos, não é necessário aprender somente sobre a sobrevivência individual, mas também adquirir conhecimento sobre a vida do grupo e, nesse aspecto, nenhum animal tem uma organização social tão complexa como a do ser humano e, por isto, o desenvolvimento da prole é mais longo e acaba por envolver o aprendizado da linguagem, da moral, etc.

Portanto, além da procriação, a família também tem por fim a sobrevivência e o desenvolvimento da sua prole. E sobre a questão da finalidade da família humana, ao levar em conta a dependência que a prole tem dos pais, principalmente da mãe que provê o alimento para eles, pode-se intuir que, devido às necessidades dos filhos, a mãe se torne menos capaz de prover as necessidades da família. Dessa forma ao organizar a família dividindo tanto o cuidado com a prole, como a promoção das necessidades entre mais indivíduos, há o favorecimento da sobrevivência de todos os membros do grupo.

Desde já podemos perceber que a formação das famílias é algo que acontece em decorrência da natureza humana e para o bem desta, e que sendo o ser humano capaz de refletir sobre sua natureza, também acaba por refletir sobre as famílias. E apesar das variações, ainda assim, é certo que a família é um elemento da natureza humana.

2. O surgimento da sociedade

Muitas são as perspectivas possíveis sobre o surgimento da sociedade, e mesmo dentro de uma mesma perspectiva existem grandes variações, pois vemos que até os autores contratualistas, isto é, os autores que defendem a existência de um contrato ou pacto social na origem da sociedade, em muitos aspectos, discordam entre si. Porém, dentre todas as perspectivas, uma particularmente chamativa é a tomada neste trabalho, que é uma continuidade do que já discutimos anteriormente: a sociedade surge de maneira natural com o fim do bem de seus membros.

Ao olhar para a natureza, o ser humano não se destaca como o animal mais forte, ou o mais ágil, ou o mais resistente às condições do ambiente. Mas, onde ele não apresenta as características naturais que o levariam a se destacar, ele desenvolve ferramentas e meios para suprir suas necessidades, sejam elas armas, ferramentas, moradia, roupas, entre outros.

Os itens produzidos acabam por demandar tempo e habilidade e as habilidades na produção de um item não estão diretamente relacionadas com a de outro, e assim, algumas pessoas se tornam hábeis em suprir certas necessidades, enquanto outras pessoas suprem

necessidades diferentes. Lembrando que durante todo este processo, as necessidades mais básicas, como a alimentação, não podem ser esquecidas. Portanto, considerando todos os elementos a serem supridos, cada um com suas particularidades, torna-se mais razoável a organização das diversas famílias por meio da cooperação.

Também Aristóteles, na obra *A Política*, expressa uma compreensão similar ao dizer: “A sociedade formada por várias famílias, visando o bem comum mas não o cotidiano é o pequeno burgo”¹². Ou seja, para o bem da comunidade como um todo, diversas famílias se reúnem e cada uma passa a exercer uma função, produzindo ferramentas que atenderão toda a comunidade, roupas que igualmente atenderão a todos, e assim por diante. Uma vez que estas famílias estarão utilizando o seu tempo produzindo itens que não são para as necessidades imediatas como a alimentação, esta terá de ser provida por famílias que se responsabilizarão pela produção alimentícia da comunidade. Como essa cooperação se dará não é algo fixo, uma vez que pessoas que moram em locais diferentes terão necessidades e recursos diferentes. Também observou-se diferentes formas de organização social na maneira como tal cooperação se dá, uma vez que em, alguns locais há o desenvolvimento da economia, enquanto em outros, como em muitas tribos indígenas, se observa uma espécie de propriedade comunitária.

A partir deste modo básico como compreendemos o nascimento das sociedades por meio de diferentes indivíduos que se organizam em famílias e, então estas famílias se organizando em comunidades e adotando diversas funções necessárias ao bem comum, podemos explorar algumas dessas funções e seus impactos.

Além das necessidades materiais existem outras necessidades que também necessitarão ser providas, como por exemplo a segurança. Embora seja possível que as pessoas responsáveis pela segurança da comunidade realizem alguma quantidade de outros trabalhos, com o aumento dos riscos, a necessidade de lutadores mais especializados e de vigias, aumenta. Assim, pode haver membros que despenderão seu tempo de serviço em treinamentos físicos e vigias, sem gerar bens para a comunidade. Diante do risco de animais selvagens ou de bandidos, os benefícios de uma força militar são maiores do que os riscos, porém, para que esta força militar seja sustentável é necessário haver uma abundância maior dos recursos da comunidade.

Uma força militar, embora benéfica à comunidade, traz riscos, uma vez que não é algo estranho pessoas usarem força para se imporem sobre outras e, esta força nem sempre é

¹² ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal), Capítulo 1, n. 7.

exclusivamente externa, algumas vezes os próprios membros da comunidade podem fazê-lo. Assim, tanto pela necessidade de observar e controlar as forças militares, bem como de organizar as necessidades cada vez mais complexas da comunidade, resolvendo os conflitos internos e lidando com comunidades externas, há a demanda do estabelecimento de um ou mais governantes.

No que se refere ao governo da sociedade, este também não tem uma única estrutura possível, mas no decorrer da história podemos observar diferentes tipos de governanças, seja teocracia, monarquia, aristocracia, república, entre outras, mas sempre alguma se mostrará necessária. Quanto mais complexa for a comunidade, mais complexa também se tornará a função de governante, fazendo com que ele também se torne incapaz de realizar trabalhos que gerem bens e que seja necessário que a comunidade os provenha com o necessário.

Também no que se refere à formação das sociedades, podemos discutir como os avanços tecnológicos e científicos acabam sendo reflexo dela. Como vimos nos parágrafos anteriores, quando na comunidade tem algum membro que não está encarregado de gerar os bens necessários a sua sobrevivência, é preciso que os outros membros da comunidade sejam capazes de supri-los. Quantos mais membros existirem assim, mais produtiva terá de ser a sociedade em questão.

Por esta razão para que haja um avanço nas artes e nas ciências é necessária uma comunidade ainda mais produtiva, pois a cada novo membro que utiliza seu tempo e esforço para o avanço destas áreas, um novo membro terá de ser mantido pela comunidade. O próprio Aristóteles descreve na *Metafísica* que o avanço das artes só era possível nas sociedades que tinham suas necessidades básicas atendidas, e que as ciências viriam depois das artes quando estas já estivessem atendidas e que a filosofia só pôde ser desenvolvida na Grécia devido a sua riqueza¹³, que permitiu pessoas se dedicarem a essa área somente depois de todos os trabalhos desenvolvidos nos campos anteriores.

Assim, para que um campo se desenvolva há um limitante principal, que é o número de pessoas dedicadas a este campo e, para que o número de pessoas que podem se dedicar a esses campos expandam, é necessário o aumento de alimentos e de bens necessários a eles.

Estas necessidades acabam por moldar a comunidade, pois em uma sociedade mais primitiva, um grande número de indivíduos precisará trabalhar na produção de alimentos,

¹³ ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2. ed. São Paulo: Loyola. 2005, 982b, 20-25.

enquanto que em uma sociedade mais desenvolvida as tecnologias permitirão uma produção maior por indivíduo e uma quantidade menor de indivíduos será capaz de suprir a sociedade, permitindo um desenvolvimento maior em outras áreas do conhecimento humano.

O desenvolvimento de tecnologias pode mudar também os materiais necessários para a produção, o que resulta em reflexos sociais. Finalmente, há ainda mais efeitos ligados à origem das sociedades, como a cultura.

Em suma, uma vez que a capacidade de sobrevivência de um indivíduo solitário é pequena, ele se reúne em uma primeira sociedade que é a família, e uma vez que também a capacidade de sobrevivência de uma família isolada é limitada, ela se reúne com outras famílias, e então organizam-se, dividem os trabalhos e assim alcançam uma situação mais favorável a todos. Essa organização permite desenvolvimentos que levam a alterações no próprio meio social. Se, porém, reconhecermos que a capacidade humana de reflexão pode levar a mudanças na instituição familiar, é também necessário que esta mesma capacidade reflexiva leve a mudanças na sociedade, como é observável no desenvolvimento da Filosofia Política.

3. Mudanças da família na história

Não seria razoável em um trabalho como este nos propormos a analisar todas as estruturas familiares possíveis, em todas as sociedades e em todos os tempos, porque, ainda que não fizéssemos mais do que um trabalho expositivo já teríamos um conteúdo maior do que este artigo seria capaz de conter. Portanto, é necessária uma delimitação pela qual, ainda que se possa fazer menções externas, seja possível ter um ponto de referência para embasar nosso estudo. Com este propósito, considerando o Brasil, o nosso olhar estará voltado para a sociedade ocidental, bem como para aqueles elementos que foram particularmente relevantes para a sua formação, como o cristianismo.

Ao discutirmos a formação das famílias, apontamos as principais origens da sociedade ocidental, a Mesopotâmia, a Grécia e Roma. Outra influência extremamente importante para a sociedade ocidental é o cristianismo que se desenvolveu a partir do judaísmo. Encontramos sua origem na Mesopotâmia como visto no livro do *Gênesis* e, ao considerar Grécia, Roma e o cristianismo temos um bom ponto de partida de como era a instituição familiar na antiguidade, para podermos discutir as mudanças observadas no decorrer dos tempos.

Na Grécia, já no início da Política, Aristóteles diz: “Da união do homem com a mulher e do senhor com o escravo surge a família”¹⁴ e, ainda, “A autoridade do homem para a mulher é um poder político ou civil e para os filhos é um poder real. Naturalmente o homem é mais destinado a mandar que a mulher, bem como o mais velho é ao mais jovem.”¹⁵ A partir destes dois pontos que mostram a organização das famílias na Grécia, temos uma organização patriarcal, na qual é o pai que governa a família constituída por pais, filhos e escravos. No que se refere à Roma podemos intuir uma posição semelhante pela economia escravocrata, bem como pela existência de famílias nobres com títulos hereditários com a governança masculina.

E sobre o cristianismo e, por extensão, o judaísmo, como já vimos anteriormente, nas passagens que remontam a Abraão, também se trata de uma família patriarcal com escravos. Outra passagem que ilustra a autoridade paterna se encontra no livro do *Gênesis*, que apresenta a bênção de Jacó¹⁶. Esta passagem ilustra que a autoridade paterna na casa não é somente uma forma de organização humana diante da cultura judaica, mas há nela algo de religioso, pois é dado ao pai a autoridade para abençoar os filhos.

Ainda no sentido da cultura judaica e, por extensão a cristã, é o salmo 127, que diz: “Sim, os filhos são a herança de Iahweh, é um salário o fruto do ventre! Como flechas na mão do guerreiro são os filhos da juventude. Feliz o homem que encheu sua aljava com elas: não ficará envergonhado diante das portas, ao litigar com seus inimigos”¹⁷. Neste salmo temos um elemento importante da antiguidade, que é o desejo por muitos filhos, pois são vistos como uma bênção divina. Este desejo por vários filhos não é exclusividade judaica, mas é observável em diversas sociedades antigas e atuais.

Os motivos que podiam levar ao desejo de muitos filhos eram vários. Em um primeiro momento, ressalta-se o instinto natural à procriação, que foi mencionado no início desse trabalho. Porém, os filhos, após seu desenvolvimento, também geram bens às famílias. Podemos considerar os filhos como uma força de trabalho e, lembrar que em sociedades nas quais existem famílias nobres, nas quais a nobreza é hereditária, os filhos se tornam um meio de relações políticas entre as famílias. No caso de conflitos, os filhos podem ser uma força militar. E, além de tudo, o surgimento da sociedade na qual a comunidade

¹⁴ ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal), Capítulo 1, n. 6.

¹⁵ ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal), Capítulo 4, n. 7.

¹⁶ Gn 27, 27-29.

¹⁷ Sl 127, 3-5.

crece para o bem de seus membros, o nascimento de um filho é uma das formas naturais desse crescimento.

Embora possamos conceder que nos territórios onde hoje se encontram as civilizações ocidentais, alvo de nossos estudos, podiam ter havido povos com organizações diferentes delas, ao entendermos que a civilização ocidental sofreu influência maior destas fontes, reconhecemos que em grande parte, este modelo familiar de pai, mãe, filhos e escravos se tornou o modelo principal na sociedade ocidental.

Tendo um modelo de partida, podemos tratar das transformações que ocorreram no decorrer dos tempos. E, o primeiro elemento que convém ser mencionado é o da poligamia, existente nos tempos antigos¹⁸ dar espaço à monogamia, o que é observável em grande parte nas sociedades ocidentais atuais.

É necessário, porém, reconhecer, que este modelo familiar da antiguidade, perdurou por um longo tempo na história. Mesmo o elemento que para nós soa mais estranho, os escravos, perduraram por muito tempo. Embora seja verdade que as diversas sociedades regularam a escravatura de maneira diferente e que, portanto, as situações não necessariamente foram as mesmas, há esta presença acompanhando a história. E, ao falarmos de transformações na estrutura familiar, o próximo ponto a ser reconhecido é a eliminação ou ao menos diminuição da escravatura.

A outra grande mudança que convém ser mencionada é a do papel da mulher na sociedade e, por consequência, a influência desse ponto no âmbito familiar. Na estrutura familiar que havia sido apresentada anteriormente, sendo uma família patriarcal, o papel do sustento da família cabia ao homem e à mulher cabiam os papéis do cuidado com o lar e com os filhos. Porém, no século XX, devido às Grandes Guerras, os homens foram convocados para o serviço militar e a força produtiva dos países ficou desfalcada. Por isto aconteceu a grande mudança social das mulheres tomarem postos no mercado de trabalho¹⁹. Essa mudança que se dá devido a uma necessidade temporal, tem uma série de repercussões, pois a mãe não pode mais acompanhar de maneira tão próxima o seu lar e os seus filhos e então, a sociedade modificará suas leis devido às novas exigências da época, embora não sem conflitos e com grandes mudanças de valores.

¹⁸ Gn 29, 23-28.

¹⁹ STARK, Pricila. *Mulheres no mercado de trabalho: estudo bibliométrico dos artigos publicados nos anais do Enanpad entre os anos de 2005 a 2015*. 2017. Dissertação (Graduação em Administração) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1714/1/STARK.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

A mudança de valores se dá, portanto, devido à uma mudança nas necessidades. As características que anteriormente eram necessárias para a mulher devido ao seu papel na família e na sociedade, não são mais as mesmas para o seu papel no mercado de trabalho. Essa mudança de valores somada às ideologias desenvolvidas durante o século XX podem ser o motivo para outra mudança observável na estrutura familiar: a diminuição do número de filhos, ou até mesmo, a opção por não os ter²⁰.

Uma última mudança social que não poderemos aprofundar muito, neste momento, devido ao fato de ser muito recente é a pressão social pela aceitação de famílias com estruturas diferentes da tradicional, como é o caso dos casais homoafetivos.

Em suma, o surgimento das famílias e, posteriormente, das sociedades se dá para o fim da sobrevivência do ser humano, e evidência disso é a aparente universalidade destes elementos. O fim da sobrevivência e da melhora da vida das pessoas não leva somente ao surgimento destas instituições, mas também ao desenvolvimento de características referentes ao local onde cada família e sociedade se localizam. Observamos na grande maioria das sociedades ocidentais que as estruturas existentes já na Grécia Antiga perduraram por muito tempo, mas que, como também foi observado em outras áreas, os últimos séculos trouxeram grandes transformações na estrutura familiar e nas suas relações com a sociedade.

Conclusão

A organização familiar é consequência da natureza social do ser humano, mas não é imutável, por quanto diferentes formas de organizações são observadas no decorrer do tempo. Aparentemente, porém, em todos os lugares e em todos os tempos, os laços familiares parecem estar presentes.

As sociedades não se formam a partir de indivíduos isolados, mas a partir da reunião entre famílias que têm como propósito o bem comum da comunidade. O aumento da comunidade leva a bens para ela, mas acarreta também necessidades que esta terá de suprir.

²⁰ Segundo censo de 2010 do IBGE, enquanto a maior quantidade de mulheres com um filho está entre os 25 a 29 anos, a grande maioria com seis filhos ou mais, está na faixa etária de 70 anos em diante. Estes números aparentam um padrão, pelo qual as mulheres que nasceram após a entrada da mulher no mercado de trabalho têm sistematicamente menos filhos. IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 22.

As mudanças sociais têm uma certa influência sobre as famílias, como pudemos ver na série de mudanças que ocorreram nas estruturas familiares. O tema da família é ainda muito mais abrangente e há um amplo espectro para uma produção teórica rica, que perpassa as diferentes áreas do conhecimento, da ação e da vida humana.

Referências

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. (Grandes Obras do Pensamento Universal).

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2. ed. São Paulo: Loyola. 2005.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2020.

BLOG PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL. *Conheça 8 animais que são fiéis aos seus parceiros*. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/mais-recente/blogs/8-animais-que-sao-fieis-aos-seus-parceiros/>. Acesso em: 20 jun. 22.

BRASIL. Emenda Constitucional n. 103 de 2019. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em: 27 set. 22.

CITRONI, M. *et al.* *Leitura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

DOMINGUES-CASTRO, M. S.; TORRES, A. R. Hikikomori: revisão sobre um grave fenômeno de isolamento social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 68, n. 4, p. 264-272, 2018.

HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 22.

STARK, Pricila. *Mulheres no mercado de trabalho: estudo bibliométrico dos artigos publicados nos anais do Enanpad entre os anos de 2005 a 2015*. 2017. Dissertação (Graduação em Administração) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1714/1/STARK.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.